

**Gerald Thomas apresenta: a primeira blognovela da história
“o cão que insultava mulheres, kepler, the dog”**

Notas sobre questões de gênero artístico sexual

Erlon Cherque Pinto

A obra audiovisual mencionada seria de fato diferente de qualquer outro espetáculo gravado e disponibilizado na internet? Para compreender a dinâmica da *blognovela*, cabe examinar o emprego do procedimento da citação no contexto desse espetáculo gerdiano. Inicialmente, destaca-se o estranhamento provocado pela impressão de ausência de fio condutor que justifique o agrupamento de referências artísticas e filosóficas diferentes em um mesmo contexto. Ao se conduzir o indicador do *player* (reprodutor) de vídeo para um pouco além do meio do arquivo audiovisual e prosseguir dali a reprodução, há o seguinte trecho:

O cão (dubla a voz gravada de Gerald Thomas): Não, não. Não, não. Não é o que vocês estão pensando. Não é. Não é isso. Bom...de certa forma. Quer dizer...de alguma forma é o que você estão pensando sim. É. Não posso negar. De alguma forma o que vocês estão vendo é isso. De alguma forma o que vocês estão vendo agora confirma exatamente isso e confirma também o que vocês estão pensando. Engraçado. E triste.

(...)

Pancho Capelletti (De pé, formando uma terceira fileira ao lado de Duda Mamberti): E eu sou a Camille Paglia.

Duda Mamberti: Eu sou a Susan Sontag.

Cão: E a Turquia?

(Todos se assustam e desfaz-se a organização em fileiras)

Mulher: Tem uma mulher aqui.

Mulher: Tá morta.

Mulher: Ensangüentada.

Duda Mamberti: Não é uma mulher. É um objeto.

Pancho Capelletti: É uma mulher, imbecil.

Duda Mamberti: Não, é um objeto.

Cão: É o urinol. Marcel Duchamp é fundamental.

Dadas as referências a gêneros artísticos e sexuais diferentes e sobrepostos permitem refletir sobre a tematização da própria transdisciplinaridade presente também na plasticidade de imagens momentaneamente congeladas como se fossem pinturas como os corpos de cabeça para baixo com chapéus nas pontas dos pés destacados do escuro pelos focos de luz. No jogo de adivinhações dos atores em torno da identidade da morte, destaca-se a repetição do enunciado de Duda Mamberti: “É um objeto” enquanto perda ampla de especificidade. Daí a morte variar entre sujeito, obra de arte e objeto enquanto posições transitórias ou Devires. Pela inter-relação de elementos mencionados na passagem, uma das leituras possíveis diz respeito à morte da arte enquanto gênero e crítica aos cânones artísticos pela arte-objeto (*ready-mades*), cujo alvo inclui a demasiada institucionalização do

fazer artístico e conseqüente aprisionamento da criatividade em padrões estéticos consagrados pela tradição.

No início do trecho em destaque, a voz de Gerald Thomas dublada pelo cão repete o enunciado dito pela *Voz Off*¹ de Gerald Thomas na abertura do espetáculo. No primeiro momento, a imagem era de corpos pendurados de cabeça para baixo, cada um com um chapéu sob os pés e destacados da escuridão por focos de luz sobrepostos aos enunciados do Eu da *Voz Off* que se confessava confuso “Quer dizer...sim. É...é. Pode ser isso sim que vocês estão pensando. Não. Eu tô muito confuso agora”. Já nesse segundo momento, após o meio do espetáculo, a fala do Eu da voz dublada pelo cão dá a impressão de empregar o advérbio exatamente para focalizar o potencial afirmativo da frase e destacar o substantivo isso. Por sua vez, o pronome demonstrativo geralmente substitui um termo já referido no discurso. Decorre daí que o isso substitui a expressão o que vocês estão pensando. Sendo assim, o foco no pronome demonstrativo tenta substituir a indeterminação pela impressão ou forma de afirmação. Paradoxalmente, a repetição do trecho constitui-se em acréscimo, na medida em que gera reconhecimento da passagem anterior e também deturpa as significações traçadas pelo conjunto forma-conteúdo.

Após dublar a voz de Gerald Thomas em torno da indeterminação nas imagens mostradas, Fabiana Gugli recupera a própria voz. Mas apesar de aparentemente restituído, o sujeito expressa perda de humanidade ao se auto-intitular cachorro. O animal doméstico aparece dotado de fala. Mas, ele ainda está de coleira, com a língua para o lado e olhar abobalhado. Esse cão falante provoca estranhamento pela desestabilização da noção de representação: a mulher que representa um cão que dubla (representa) a voz do narrador e se divide ao representar a si mesma na voz e manter a postura de cão no corpo.

Em “Kepler, the dog”, a primeira indicação de uma fonte discursiva de uma voz no escuro aponta para o detalhe de uma das mãos e antebraço no foco de luz. Resulta daí a constatação de que a escuridão e a ausência deixam de ser absolutos ao dialogarem com a clareza e a presença. O aspecto psicológico aparece nas nuances da *Voz entre On e Off* ao narrar a transformação de Kepler em cachorro e sua semi-reversão pela dublagem da própria fala, na exterioridade entre a voz de Gerald Thomas e os corpos do cão e de Duda Mamberti, no drama intencionalmente exacerbado de Duda Mamberti enquanto segura o Graal ou na discussão entre duas mulheres sobre Susan Sontag. Em acordo com o apelo do espetáculo à escuridão, o que permanece obscuro (ou no escuro) é a função desses

¹ Na imagem de abertura do espetáculo, uma das mãos e o antebraço do encenador aparecem no foco de luz que ilumina a atriz Fabiana Gugli. Embora a princípio essa parte do corpo do encenador diante da luz pareça apenas um detalhe, isso é suficiente para desfazer a certeza de que a fonte discursiva está ausente ou totalmente ausente. Sendo assim, empregou-se o termo *Voz Off* para designar o momento específico da segunda imagem do espetáculo: corpos de cabeça para baixo no foco de luz sobrepostos à voz de Gerald Thomas agora fora de cena.

estados emocionais na organização da intriga, enredo e/ou nó comprometidos com os padrões de unidade narrativa.

Nesse contexto, talvez seja possível indicar na transformação ou desestabilização da noção de representação pela personagem Kepler o diálogo com o ato artístico de Marcel Duchamp. Por meio de suas obras, Duchamp convoca o espectador a assumir a atitude de ação imaginária e crítica frente à criação artística e à arte em geral. Talvez seja possível indicar a *blognovela* enquanto ato criativo geraldiano. O urinol provoca tensão nas regras demasiado rígidas em torno da criação artística. O ato de Gerald Thomas de nomear sua obra como *blognovela* constitui-se ao mesmo tempo em gênero e transgressão de classificação² comprovada pela desestabilização da noção tradicional de representação desde a escrita do texto dramático a partir dos comentários em seu *blog*, o que subverte a própria idéia de autoria enquanto sujeito privilegiado da escrita e do sentido.

O enunciado “A PRIMEIRA BLOGNOVELA DA HISTÓRIA” adquire valor de discurso ao propor o significado inauguração e delimitação de um novo gênero. Por outro lado, há também ali um silêncio eloquente e traduzido pela ausência de menção ao caráter teatral da obra no título mencionado. A primeira parte do enunciado (A PRIMEIRA BLOGNOVELA DA HISTÓRIA) anuncia o suspense em torno da estréia do gênero *blognovela*. A palavra forma-se por justaposição dos termos *blog*, do inglês, e *novela*, em português. O site de conteúdo, no qual está disponível o arquivo em vídeo da mencionada obra, define *blog* como “páginas pessoais da Internet que têm mecanismos de interação e permitem manter conversas entre grupos. Essas páginas tornaram-se muito populares entre jovens, que transformaram o ciberespaço em seus diários pessoais.”³

O termo *novela* abrange as seguintes denotações: 1. Produto audiovisual da Indústria Cultural, 2. No campo da literatura, notam-se duas ocorrências: A. gênero literário com características específicas e B. sinônimo do gênero literário romance. Quanto à definição 2A., o dicionário enciclopédico luso-brasileiro Lello Universal no volume 3 indica o verbete *novella* ou *novela* como “posição literária de pouco extensão, narração de colocar-se entre o conto e o romance (...) ficção. (engano, intriga).”, dentre principais autores de novelas indica Goethe, Diderot, Balzac e Stendhal. Em 3.B., *novela* e *romance* se confundem como demonstra a tradução do dicionário on-line Michaelis para os verbetes novel e romance da inglesa para o português:

Novel

n romance. Veja nota em **romance**.

Romance

² A *blognovela* seria um ‘novo’ gênero que questionaria a própria idéia de classificações e delimitações claras. As citações e a forma teatral da obra, por sua vez, problematizariam o aspecto de novidade ou caráter inédito.

³ Definição da *web* para o termo *blog* a partir do endereço do jornal eletrônico último segundo, do portal IG, http://ultimosegundo.ig.com.br/paginas/ultimosegundo/blig/blig_us/saiba_como.html.

n 1 história de amor, aventura etc. geralmente passada em épocas ou lugares distantes, com eventos mais grandiosos que na vida real. (...)

A grafia semelhante ao português pode induzir a erro de tradução. Romance significa romance no sentido de história de amor ou caso amoroso entre duas pessoas (...) e também no sentido de fantasia, fábula, conto medieval (*the absence of the beloved is a very important aspect of medieval romances* / a ausência da pessoa amada é um aspecto muito importante dos romances medievais). No inglês moderno, "romance" no sentido de texto literário se traduz por **novel (*have you read any of Clarice Lispector's novels?* / você já leu algum romance de Clarice Lispector?)*

As referências diretas à cultura de Massas e a sobreposição de imagens e informações destacadas discussão crítica pela Indústria Cultural no arquivo audiovisual incluem a entrada do homem de terno e salto-alto segurando um jornal, uma revista e um laptop. Ele tenta equilibrar-se sobre o salto enquanto caminha em direção a uma mesa. Ele se senta na cadeira, abre o laptop, olha o jornal e a revista. O personagem simula tocar piano nas teclas do laptop. A seguir, coloca a mão no interior de seu paletó e tira um revólver. Ele coloca a arma na boca e comete suicídio.

Dentre outras leituras, a imagem permite distinguir uma caminhada marcada pela tentativa de manter o equilíbrio no salto apoiado em um manancial de informação. Notícias, opiniões e comportamentos veiculados na mídia servem de contrapeso durante o percurso no escuro. Apesar do crescente excesso de textos e acontecimentos, o personagem permanece no escuro. Diante dessa abundância, o Eu está sem voz e isolado de outro contexto a não ser o próprio obscurecimento. A única saída parece ser a morte pela boca no sentido de suicídio da expressão de seus pensamentos e opiniões, já que a mídia cumpre a função de emitir enunciados pelo sujeito. A fala da mídia é exatamente a ação de indicar ao sujeito como agir, pensar, falar, se comportar, se vestir. As imagens e textos da mídia ditam desejos, vontades e/ou contra-vontades, escalas de valores moralmente e socialmente aceitáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASLAN, Odette. *O ator no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não-luares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papius, 2005.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *O gão da voz: entrevistas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BECKETT, Samuel. *En attendant Godot*. Paris: Minuit, [19--].

- BECKETT, Samuel. *Waiting for Godot*. New York: Grove Press, 1979.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BONFITTO, Matteo. *O ator compositor: as ações físicas como eixo: de Stanislávski a Barba*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BORNHEIM, Gerd A. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BROOK, Peter. *A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade*. São Paulo: UNESP, 1997.
- COHEN, Renato. *Work in progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- COSTA, Lígia Militz da. *A poética de Aristóteles: mimese e versossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.
- COSTA, José da. *Dramaturgia da leitura: o caso Sanchis Sinisterra. A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 235-247, 2004.
- COSTA, José da. *Teatro brasileiro contemporâneo: um estudo da escritura cênico-dramatúrgica teatral atual*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / Instituto de Letras, 2003.
- _____. *Narração e representação do sujeito no teatro contemporâneo*. In *O Percevejo, Revista de Teatro*. Rio de Janeiro: UNIRIO, DTT/PPGT, Ano 8, N. 9, 2000, pp. 3-24.
- COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERNANDES, Sílvia. *Memória e invenção: Gerald Thomas em cena*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- FERNANDES, Sílvia e GUINSBURG, Jacó (orgs). *Um encenador de si mesmo: Gerald Thomas*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- _____. *Notas sobre dramaturgia contemporânea*. In *O Percevejo, Revista de Teatro*. Rio de Janeiro: UNIRIO, DTT/PPGT, Ano 8, N. 9, 2000 pp. 25-38.
- FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34: 1998.

- GUIMBUSBURG, J. (org.). *Semiologia do Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Da cena em cena*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GUIMBUSBURG, J., BARBOSA, Ana Mae. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LIMA, Luiz Costa. *Mimesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MATERNO, Angela. Releituras de O autor como produtor: Walter Benjamin, o teatro e a técnica. *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 313-328, 2004.
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. La herencia clásica del teatro postmoderno. In: *El teatro e su recepcion; semiologia, cruce de culturas y postmodernismo*. La Habana: UNEAC, Casa de las Americas, 1994.
- _____. *A análise dos espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ROUBINE, Jean Jacques. *A arte do ator*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
- _____. *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
- SONTAG, Susan. *Sobre a fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SUSSEKIND, Flora. *A imaginação monológica*. In Revista da USP, n.14, jul/ago. 1992:43-49.
- SUSSEKIND, Flora; BRANDÃO, Tânia (org.) *A historiografia literária e as técnicas de escrita*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004.
- SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno (1880-1950)*. São Paulo: Cosac & Naify. 2001.
- _____. *Teoria do drama burguês*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- A primeira blognovela da história
O cão que insultava mulheres, kepler, the dog
Som: Claudia Dorei
Produção: Plato Produções (Dora Leão)
Assistência: Ivan Andrade.
Realização SESC unidade Av. Paulista.
Direção: Gerald Thomas

Elenco: Fabiana Gugli, Pancho Capelletti, Duda Mamberti, Anna Américo, Luciana Froes, Simone Martins, Caca Manica, Luz: Caetano Vilela.

REFERÊNCIAS TEATRAIS

Império das Meias Verdades

Estréia: Rio de Janeiro - Centro Cultural Banco do Brasil, 1993.

Dramaturgia, direção e trilha sonora: Gerald Thomas

Iluminação: Gerald Thomas e Wagner Pinto

Figurino: Elenco: Caca Ribeiro, Domingos Varella, Edilson Botelho, Fernanda Torres, Ludoval Campos, Luiz Damasceno, Magali Biff, Michelle Matalon, Milena.

The fash and the crash days

Estréia: Rio de Janeiro – Centro Cultural Banco do Brasil, 1991.

Dramaturgia, direção e trilha sonora: Gerald Thomas

Iluminação: Gerald Thomas e Wagner Pinto

Figurino: Daniela Thomas

Elenco: Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, Luiz Damasceno e Ludoval Campos.